

“REFLORESTANDO MENTES PARA A CURA DA TERRA”¹: A EDUCAÇÃO ENQUANTO FORMAÇÃO HUMANA E CONSTITUINTE DE SUJEITOS ECOLÓGICOS

"REFORESTING MINDS FOR THE HEALING OF THE EARTH": EDUCATION AS A HUMAN FORMATION AND CONSTITUENT OF ECOLOGICAL SUBJECTS

Izabela Oliveira da Silva²
Viviane Faria Lopes³

RESUMO

Este trabalho discorre a respeito dos impactos benéficos da Educação Ambiental (EA), fazendo um estudo analítico do livro infanto-juvenil **O menino do dedo verde** (1957), de Maurice Druon. A obra literária em apreço destaca a importância do contato com a natureza e a preservação ambiental, onde o mágico polegar verde da criança protagonista é capaz de alterar as construções humanas e as ligar à natureza viva. Para balizar a pesquisa, tomou-se por referencial pesquisadores da linguagem e da identidade, como Isabel Carvalho, Richard Louv e Stuart Hall, e, mediante o levantamento bibliográfico de diversos estudos acerca da temática, buscou-se averiguar a importância dessa vertente educacional para um processo de ensino e aprendizado efetivo e significativo junto à conscientização planetária. Ao detectar as possíveis contribuições para a formação de seres humanos ecologicamente responsáveis, a EA sustenta ser a escola um espaço (trans)formador, por desenvolver e apresentar aspectos culturais, sociais e cognitivos, e, com isso, fundamenta sua importância na formação desse sujeito ecológico. Assim, ainda que o ambiente educacional careça de melhor estrutura para dar vida a sujeitos ambientalistas, tanto em nível formativo e quanto em físico, é ele aquele capaz de proporcionar o ensino humanitário e, a bem da verdade, renovador de mentes.

Palavras chaves: 1. Educação Ambiental 2. Sujeito Ecológico 3. Identidade.

ABSTRACT

This work discusses the beneficial impacts of Environmental Education (EE), making an analytical study of the children's book **The boy with green thumbs** (1957), by Maurice Druon. The literary work in question highlights the importance of contact with nature and environmental preservation, where the magical green thumb of the child protagonist can change social constructions and connect them to nature. Researchers of language and identity, such as Isabel Carvalho, Richard Louv, and Stuart Hall, were taken as reference, and, through the bibliographical survey of several studies on the subject, it has also sought to ascertain the importance of this educational aspect for an effective and meaningful teaching and learning process along with planetary awareness. By detecting the

1 “*Reflorestando mentes para a cura da terra* é o lema da mobilização das mulheres originárias do Brasil, que traz como símbolo uma mulher indígena gestante, que também pode ser lida como uma árvore, cheia de raízes e folhas.” (MULHER SEMENTE..., 2021).

2 Graduada em Letras-Inglês pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). izabela.oliveirasilva.10@gmail.com

3 Graduada em Letras (UnB), Mestra e Doutora em Linguística (UnB), Pós-Doutora em Literatura (USP). Professora e orientadora na Universidade Estadual de Goiás (UEG/POSLLI) e co-líder do grupo de pesquisa do CNPq *Literatura em Interfaces: transdisciplinaridade e interculturalidade* (LINTERFACES). viviane.lopes@ueg.br.

possible contributions to the formation of ecologically responsible human beings, EE understands school as a (trans)forming space, for developing and presenting cultural, social, and cognitive aspects, and, with that, bases its importance on the development of this "ecological person". Thus, even if the educational environment lacks a better structure to bring into being environmentalists, both at the formative and physical level, this environment is the one capable of providing humanitarian teaching and, in fact, renewing minds.

Keywords: 1. Environmental studies 2. Ecological subject 3. Identity.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa voltou-se à análise dos impactos benéficos que a educação ambiental pode trazer para o ensino educacional, de modo a torná-lo mais humanitário e verdadeiramente transformador, visando a contribuir para a formação de cidadãos ecologicamente responsáveis. Mediante a leitura examinativa do livro infanto juvenil **O menino do dedo verde**, de Maurice Druon, destacaram-se excertos que pudessem exemplificar, ainda que simbolicamente – tendo em vista que se trata de uma obra de fantasia –, a importância do contato com a natureza e da preservação ambiental, onde o ‘polegar verde’ do protagonista viria a referenciar, metaforicamente, as práticas de um sujeito ecológico.

De acordo com a Plataforma Intergovernamental de Biodiversidade e Serviços Ecosistêmicos (IPBES) (CONTRIBUIÇÕES..., 2019), os valores atribuídos à natureza são plurais e se modificam de acordo com a realidade existencial de um grupo social, ou seja, mediante sua visão de mundo, seu contexto sociocultural e monetário e suas necessidades e valores pessoais. Segundo o ambientalista Krenak (2019), com a evolução social, houve um distanciamento entre a ideia de humanidade e de terra; para ele, todavia, essa separação não existe, tendo em vista que tudo vem a ser natureza.

Enquanto na sociedade primitiva a natureza era tida como parte intrínseca do ser humano, para as sociedades complexas, atuais, existe a dificuldade em classificar a relação natureza-sociedade devido às distintas leituras de mundo de cada indivíduo (CARVALHO, 2003). Por tais comportamentos exclusivistas, a degradação do ecossistema tornou-se uma das consequências da presente desordem mundial, com fatores econômicos, comerciais e políticos fazendo da cultura da destruição uma marca do homem moderno.

Não apenas as crianças apresentam a necessidade de contato com a natureza, tendo em vista que se faz notório, nos próprios adultos, o prejuízo físico e/ou mental causado pelo afastamento do natural, com estudos já comprovados alertando que a interação biossistêmica propicia benefícios à saúde mental, em detrimento do uso excessivo da tecnologia e das telas (LOUV, 2016;

DESMURGET, 2021). Por conta desse modo de pensar e agir, que suscita tais e ainda mais problemáticas de prejuízo planetário, esta investigação visa a destacar que, quando há uma educação ambiental, há uma transformação identitária.

Para uma melhor explanação da apuração feita, optou-se pela divisão deste trabalho em três seções principais, além do presente prelúdio e das considerações finais. A primeira parte, intitulada “Temos de parar de vender o amanhã”, traz uma avaliação sobre a relação entre sociedade e natureza, visando a esclarecer como esta pode ser concebida de forma distinta a depender da característica desse vínculo, bem como o resultado de tal conexão possa influenciar o funcionamento social como um todo. O segundo momento, nomeado “Ter consciência da ignorância é o início da sabedoria”, apresenta uma discussão a respeito de possíveis propostas educativas que buscam contribuir para a formação de sujeitos capazes de compreender o mundo e de agir nele, de forma crítica, por intermédio de uma racionalidade ambiental, socioeconômica e cultural. Já em “Estou pensando que o mundo podia ser bem melhor do que é”, que é a terceira parte da produção, investiga-se, mediante revisão e reflexão de literatura sobre o tema, juntamente à análise de processos de educação enquanto formação humana, o empoderamento e a emancipação ambiental e social dos alunos, tendo, por objeto central de análise, as simbologias presentes na obra **O menino do dedo verde**.

Importa ressaltar que, diante da eminente – e não mais iminente – expansão dos problemas ambientais, a Educação Ambiental (EA) surge da preocupação da sociedade com o futuro: das condições de vida humana na Terra e das gerações enquanto seres viventes. Por isso, pode-se dizer que a EA é herdeira direta do debate ecológico e está entre as alternativas que aspiram a construir novas maneiras de os grupos sociais se relacionarem com a ambiência à sua volta, e não somente explorarem, com a proposta da formação de sujeitos ecológicos: conceito que se relaciona ao modo ideal de vida inspirado em atitudes ecologicamente orientadas (CARVALHO, 2004).

Assim, por meio do livro escolhido para exame, será possível verificar, ainda que simbolicamente, as ações do protagonista enquanto representação desse sujeito ecológico, de modo a evidenciar as ações ambientais e ilustrar a capacidade da literatura em influenciar a formação de novas identidades. Este trabalho, então, propõe-se a apontar as contribuições materiais e não materiais, as perspectivas biológicas natas e, principalmente, a perspectiva relacional/simbólica que entende a natureza como parte intrínseca ao ser humano.

1. “TEMOS DE PARAR DE VENDER O AMANHÃ”⁴

4 KRENAK, 2020, p. 12.

O avanço tecnológico elevou o ser humano, no decorrer das eras, ao patamar de animal principal de poderio na cadeia alimentar. Sua inteligência incomum, aliada às relações sociais de comunidade, deu-lhe uma força desmedida tanto sobre os outros seres quanto sobre seu ambiente, capacitando-o a os usar em prol da continuidade de sua progressão de comando planetário (HARARI, 2015). Tais perspectivas aparentam um benefício atestado, porém, verifica-se que as consequências desse avanço desregrado têm acometido a mente de seu praticante, colocando-o como vítima de sua própria avidez, o que leva a um repensar sobre sua relação com esses que considera subjugados.

A historiografia registrou as diferentes relações que o ser humano teve com a natureza e o ambiente à sua volta, avaliando-o da Pré-História à Contemporaneidade. Percebeu-se, contudo, que o indivíduo age sobre o ambiente bem como o meio sobre ele, todavia, numa ação antrópica que se encontra gradativamente mais agressiva e invasiva, já que aquele se porta inapropriadamente sobre este, exaurindo de forma insustentável seus recursos naturais. No que tange a relação sociedade-natureza, entende-se que os primeiros seres humanos tinham uma relação muito próxima com ela, tomando-a enquanto forma de existência e subsistência, o que mudou após seus avanços tecnológicos.

Mediante a eclosão da Revolução Industrial, do mercantilismo e do capitalismo, a ordem econômica tornou-se prioridade em detrimento da vertente ambiental e social (COSTA; PORTO-GONÇALVES, 2006). Dessa forma, “com o advento da industrialização, as relações com a natureza se modificaram, criando um conceito prático e utilitário, ela se torna recurso natural, e é reconhecida pelo nome de minérios, solo agrícola, fonte de energia, ou recursos hídricos” (MODANESE, 2010, p. 53). No entanto, Harari (2015, p. 81-82) aponta que, bem “antes da Revolução Industrial, o *homo sapiens* já era o recordista, entre todos os organismos, em levar as espécies de plantas e animais mais importantes à extinção. Temos a honra duvidosa de ser a espécie mais mortífera nos anais da biologia”. De qualquer forma, ainda que nossos instintos primitivos já nos tenham colocado como exterminadores do que nos cerca (EHRENREICH, 2000), o modo de produção capitalista foi responsável por amplificar a desintegração e o distanciamento entre sociedade humana e meio ambiente (MODANESE, 2010).

Apesar dos frequentes ataques à estabilidade do ecossistema, no decorrer de centenas de anos, a temática ambiental ganhou força somente nas últimas décadas, graças aos movimentos sociais. Ainda que o perigo seja evidente, com uma catástrofe ecológica ameaçando a existência da humanidade, o alerta à população e aos órgãos governamentais acerca das consequências desastrosas que já têm ocorrido, enquanto consequência da atual dinâmica capitalista, não tem surtido o efeito devido (MODANESE, 2010). A hegemonia e o poderio econômico detêm controle,

também, dos discursos veiculados nas mídias, não permitindo que haja uma desmistificação quanto aos verdadeiros causadores de tais desastres, o que promove a inércia de uma grande parcela da sociedade frente à enorme problemática ambiental que vem sendo formada à sua volta (COSTA; PORTO-GONÇALVES, 2006). De fato, ao considerar a crise ecológica vigente e suas sequelas, entende-se que “Não haverá uma verdadeira resposta à crise ecológica a não ser à escala planetária e na condição

de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural que reoriente os objetivos da produção de bens materiais e imateriais.” (GUATTARI, 1990, p. 9).

De acordo com as palavras acima do pesquisador, a revolução necessária deve envolver a forma de pensar das pessoas, afinal, a liquidez da vida globalizada, permeada pelo drama da civilização moderna e pela cultura de destruição do homem, dificultou o reconhecimento do meio ambiente para além de relações de ordem econômica (GUATTARI, 1990), que é, a bem da verdade, o contexto essencial para a manutenção da vida e das relações sociais (KRENAK, 2019). Apesar da modernização e ascensão tecnológica, em pleno século XXI as pessoas estão se voltando às práticas ligadas ao meio natural como forma de recuperar/revigorar tanto a saúde física quanto a saúde mental, por conseguirem constatar essa necessidade. Para tanto, diversas publicações⁵ apontam para uma busca por comportamentos e práticas alternativas, tais como: o aumento do número de ciclistas, de praticantes de meditação e yoga; crescimento da busca por cosméticos naturais e medicamentos homeopáticos; grande quantidade de medicinas não tradicionais voltadas à natureza; exigência coletiva de espaços verdes e pacíficos em centros urbanos; valorização crescente de alimentação natural.

Ao considerar o movimento ecológico e as variações presentes nos possíveis pensamentos ecológicos, de acordo com determinado agrupamento social, é possível salientar um movimento que busca distanciamento de uma visão antropocêntrica – que entende o homem como centro das relações. Essa afluência volta-se ao alcance de uma tendência biocêntrica, que valoriza a vida, a natureza e uma ideia de ‘retorno ao sagrado’, onde o homem deve ser uma parte integrante ao meio e não dominante/proprietária (AGUIAR, 2007). Assim, tem-se um discurso que não qualifica a humanidade como o cerne e que se preocupa em mostrar uma solução para a crise ecológica vigente, mediante a reconexão entre da humanidade com o planeta.

⁵ Algumas indicações: CUIDAR DO MEIO AMBIENTE..., 2019; CRESCE INTERESSE..., 2021; SPONCHIATO, 2020.

Diante disso, importa o repensar do ser humano diante de suas práticas. Tendo em vista que a educação seja reconhecidamente a base de formação do ser humano diante do seu próprio ser e estar no mundo, faz-se necessário que nessa ação se insira a consciência a respeito do lugar da humanidade no planeta: não dominante, mas, antes, como integrante. Por conseguinte, importa uma avaliação a respeito do que vem a ser uma educação transformadora, verdadeiramente embasada na consciência de natureza, bem como na transformação identitária que tal educação é capaz de proporcionar, como será tratado na seção a seguir.

2. “TER CONSCIÊNCIA DA IGNORÂNCIA É O INÍCIO DA SABEDORIA”⁶

Os estudos de Carvalho (2006) propõem a educação ambiental como uma forma de repensar as relações entre sociedade e natureza, sugerindo uma troca de lentes que possa permitir uma interação de co-pertencimento e co-participação entre sociedade e meio ambiente por meio de uma relação socioambiental (CARVALHO, 2006). Essa perspectiva, em que o indivíduo assume sua responsabilidade quanto às ações que afetam o ambiente, considera a natureza como “espaço relacional”, em que o ser humano é visto como “um agente que pertence à teia de relações da vida social, natural e cultural e interage com ela.” (CARVALHO, 2006, p. 61).

A Educação Ambiental, desse modo, pode ser concebida de diversas maneiras: cognitiva, afetiva ou participativa, isto é, pode ter como embasamento aspectos informativos, sensoriais e ativistas. Verifica-se que a educação ambiental crítica deve ser emancipatória e destacar não apenas a causa das problemáticas ambientais, mas também, promover mudanças sociais causadoras de tais divergências e/ou a reflexão acerca dos agentes responsáveis (RICCI, 1999).

Em sintonia com tal proposta, Reigota (2009), expoente na temática, apresenta que a Educação Ambiental seja, conseqüentemente, uma competência política, visto que tem como intuito preparar os cidadãos para almejarem e lutarem por uma sociedade justa, autogestora e ética – no que se refere ao meio ambiente e às relações sociais. Ainda a esse respeito, o autor aponta que a

educação ambiental como educação política é por princípio: questionadora das certezas absolutas e dogmáticas; é criativa, pois busca desenvolver metodologias e temáticas que possibilitem descobertas e vivências; é inovadora quando relaciona os conteúdos e as temáticas ambientais com a vida cotidiana e estimula o diálogo de conhecimentos científicos, étnicos e populares e diferentes manifestações artísticas (REIGOTA, 2009, p.15).

6 BRADLEY, 2008, p. 149.

Por outro lado, além da ordem política da vertente ambiental colocada por Reigota (2009), a perspectiva vivencial faz-se necessária, em que a experienciação ao ar livre é considerada primordial para o processo de ensino-aprendizagem. Com o corpo, tanto os sentidos quanto a reflexão, o indivíduo é capaz de entender o mundo, a natureza e as relações sociais de forma mais integral, por meio de vivências e percepções sobre o meio à sua volta (MENDONÇA, 2007). Para provocar uma racionalidade ambiental nos alunos, tanto Reigota (2009) quanto Mendonça (2007) propõem que os estudos acerca do meio ambiente sejam feitos de forma a destacar o local onde os alunos vivem, para que, dessa forma, possam conhecer fatos históricos, culturais e sociais sobre tal ambiente, bem como elencar problemas e soluções para problemáticas ecossistêmicas presentes em sua própria conjuntura social.

Em concertação a tais pesquisadores, Loureiro (2004) coloca:

Entendemos que falar em Educação Ambiental transformadora é afirmar a educação enquanto práxis social que contribui para o processo de construção de uma sociedade pautada por novos patamares civilizacionais e societários distintos dos atuais, na qual a sustentabilidade da vida, a atuação política consciente e a construção de uma ética que se afirme como ecológica sejam seu cerne (LOUREIRO, 2004, p. 90)

Como apontado anteriormente, o pesquisador referencia a educação ambiental como ação a ser aplicada e vivenciada socialmente, de diversas maneiras (LOUREIRO, 2004), devendo se considerarem aspectos diferentes como prioridade para a experienciação da natureza e para a aprendizagem dos fenômenos naturais e das problemáticas socioambientais (REIGOTA, 2009; MENDONÇA, 2007). A educação tradicional, de forma geral, é permeada por críticas, devido à sua pedagogia restritiva, isto é, devido à forma comunicativa vertical e hierárquica em que se baliza, em que professor fala e aluno obedece (FOUCAULT, 1977).

Em crítica discordante ao formato educacional vertical, Freire (1995) ressalta a necessidade da aplicação de uma pedagogia de desaparedamento da educação, que poderia ser aplicada conjuntamente aos estudos ecossistêmicos que se mostram mais eficazes por meio da perspectiva vivencial (MENDONÇA, 2007; TIRIBA, 2018). Isso posto, faz-se pertinente ressaltar que a falta de contato com espaços verdes, especialmente para as crianças, pode acarretar diversas consequências à saúde: como “obesidade, hiperatividade, déficit de atenção, desequilíbrio emocional, baixa motricidade – falta de equilíbrio, agilidade e habilidade física – e miopia” (TIRIBA, 2018, p.16). Por sua vez, Louv (2016) classifica as consequências resultantes do emergente distanciamento, principalmente, entre as crianças e a natureza, como ‘transtorno de déficit de natureza’.

A proposta de conscientização ambiental está presente nas escolas brasileiras há anos, contudo, tal discussão se encontra majoritariamente nas disciplinas de biologia e geografia

(CORREIA, 2021). Apesar de a Educação Ambiental não estar destacada nos documentos que oficializam o currículo escolar e as vertentes pedagógicas a serem seguidas no âmbito da educação nacional, é enfatizado que se devem trabalhar temáticas atuais e formidáveis para a vida em âmbito planetário, bem como a educação socioambiental de forma transversal.

Levando em conta que uma Educação Ambiental vivencial, emancipatória e transformadora – que leva em consideração a reflexão crítica-social, a experiencição e o corpo como principais facilitadores da aprendizagem – seja ainda uma vertente pedagógica nova no Brasil, sua aparição se faz, na maioria das vezes, de forma mais simplista e tradicional no ambiente escolar, não desenvolvendo as atividades necessárias para a formação de um indivíduo com uma consciência socioambiental e planetária (CORREIA, 2021). Desse modo, o saber ambiental é apresentado, comumente, de maneira mais conteudista e conceitual, para fazer jus ao que é cobrado em provas e vestibulares nas instituições brasileiras de educação.

Quando o indivíduo passa a ter eficaz e profícuo contato com a natureza, somado aos aprendizados e à experiencição que a EA pode proporcionar, ele dá início à um processo de mudança de mentalidade e, conseqüentemente, de identidade, isto é, o sujeito antes urbanizado/urbano passa a ser um sujeito ecológico (CORREIA, 2021). O sujeito é considerado ecológico quando tem o “modo ideal de ser e viver orientado pelos princípios do ideário ecológico” (CARVALHO, 2004, p. 65), sendo ecologistas ou profissionais ambientais, formalmente formados ou não, ativistas simpatizantes da causa e do seu modelo de vida intrínseco, ou praticantes de valores ecológicos no cotidiano.

Considerando a evolução e a fragmentação da sociedade moderna, vê-se a mudança, conjuntamente, do sujeito moderno. Conforme afirma Stuart Hall (2000), a globalização apresenta-se como fator gerador de novas identidades: novas formas de pensar, de estar e de ver o mundo. Dessa forma, a humanidade está passando por um processo de transformação identitária devido às diversas mudanças socioculturais que estão em constantes transformações, já que as atuais construções identitárias “são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais” (HALL, 2000, p. 112).

O sociólogo, assim, conclui que as identidades constituintes dos sujeitos contemporâneos sejam formadas culturalmente (HALL, 2000). Assim, diante dessa reflexão, e considerando-se as dificuldades apresentadas em diversas formas de aplicação da EA como prática pedagógica no ambiente escolar, importa que se avalie uma possível junção dos êxitos das variadas vertentes existentes nas ações que promovem a consciência ambiental, além daquela cobrada no currículo escolar, e do viés experiencial, para que haja uma aprendizagem mais efetiva e inspiradora.

A formação desse necessário sujeito ecológico resulta dessa nova consciência apontada por Hall (2000), provocada por um conjunto de circunstâncias que vem do exterior e altera o modo de pensar e sentir, podendo formar indivíduos ativos e integrados ao meio à sua volta. Assim, faz-se possível e urgente a formação de sujeitos ecológicos, advindos de uma educação ambiental crítico-vivencial e, conseqüentemente, política.

Refletir os benefícios de um ensino básica que considere o desemparedamento da educação nos processos de ensino e de aprendizagem (FREIRE, 1995) é essencial para a formação de cidadãos preocupados com a manutenção do planeta. Além da integração e da identificação do sujeito com o meio em que vive, importa a consciência quanto à postura emergencial para se desenvolverem, integralmente, as práticas pedagógicas que precisam ir além das paredes da sala de aula (TIRIBA, 2018). Para tanto, a literatura infanto-juvenil faz-se um dos diversos recursos possíveis para a instigação e a constituição de saberes ambientais que induzirão à formação dos sujeitos ecológicos ansiados, conforme será examinado na parte seguinte.

3. “ESTOU PENSANDO QUE O MUNDO PODIA SER BEM MELHOR DO QUE É.”⁷

A obra literária **O menino do dedo verde** (1957), do francês Maurice Druon (1918-2009), é considerada um clássico da literatura infantil, estando, em prestígio, logo após o afamado **O Pequeno Príncipe** (1943), do também francês Antoine de Saint-Exupéry (1900-1904). Apesar de sua classificação etária se voltar para o público infantil entre nove e onze anos, leitores de qualquer idade – inclusive adultos – são atingidos pelas reflexões que a história traz, acerca das relações sociais, da manutenção de poder, da ordem social e da vida de modo geral.

O livro é dividido em 20 capítulos, em que a trajetória do menino Tistu, morador da cidade de Mirapólvora, é contada por intermédio de simbolismos, ricas analogias e ensinamentos acerca de convívio social, da cidadania e da esperança. Por meio de uma narrativa fantasiosa, mensagens profundas são entendidas, tanto por crianças quanto por adultos, apesar de as crianças beneficiarem-se em primazia por conta das simbologias que se voltam à sua imaginação, especificamente. Com a presença evidenciada da temática ambiental, e por meio de questionamentos sociais explicitados, a obra está carregada de poesia, o que a torna ainda mais encantadora, vindo a se tornar a pioneira a retratar a ecologia para o público infantil e possibilitar, assim, o prelúdio de uma chama na mente dos jovens discentes.

O protagonista Tistu é garoto de cabelos loiros e olhos azuis, que vive em uma rica casa, a Casa-que-Brilha, junto ao Sr. papai e à Dona mamãe, ao seu pônei Ginástico e aos empregados,

⁷ Excerto do livro **O menino do dedo verde**, de Maurice Druon, 2018.

como, o Mordomo Cárolo e o Jardineiro Bigode. O menino pertence à uma família rica, cuja fortuna se faz graças à fábrica de canhões do Sr. papai – indústria essa que, conjuntamente à portentosa casa da família, sustenta uma fama de poder na cidade. Segundo a narrativa, sua educação foi de responsabilidade materna, com sua mãe o instruindo até os oito anos, quando decidiram que ira, finalmente, para a escola. Todavia, diferentemente das expectativas parentais, o colégio lhe provocou falta de concentração e sonolência profunda, um comportamento incomum que, para a tristeza e consternação geral, suscitou sua expulsão da instituição.

Diante do triste episódio, a Casa-que-Brilha foi permeada de preocupação, tanto por parte dos pais do menino, quanto pelos criados e, até mesmo, pelos animais da propriedade. Questionavam-se o que seria do menino sem aprendizado. O pai, buscando uma solução, resolveu que a “vida era a melhor escola possível” (DRUON, 2018, p. 19) e que, a partir daquele dia, Tistu participaria de um novo sistema de educação: onde ele aprenderia com base na vivência e na experiencição. As aventuras do protagonista ocorrem graças ao seu ‘polegar verde’, que possui o poder mágico de transformar a tudo o que toca, para uma recriação com moldes de natureza e, ao final da trama, a cidade de Mirapólvora passará a se chamar Miraflores, por conta de toda a mudança em seu visual.

Como forma de refletir acerca das problemáticas envolvendo os princípios do sistema tradicional de ensino, um trecho ao final do capítulo 4, anuncia que a escola devolvia Tistu a seus pais, mediante uma carta, devido o menino não ter se adequado às regras do sistema. Segue o excerto, seguido de outro fragmento, que apresenta uma nova proposta de educação para o Tistu, pensada por seu pai, após sua expulsão:

(1)

“Prezado Senhor, o seu filho não é como todo mundo. Não é possível conservá-lo na escola.” (DRUON, 2018, p. 16)

(2)

“É muito simples — declarou ele. — Achei a solução. Tistu não aprende nada na escola? Pois bem, não vai mais pisar em escola alguma! Se os livros o fazem dormir, fora com os livros! Vamos experimentar com ele um novo sistema de educação, já que não é como todo mundo! Ele aprenderá as coisas que deve saber, olhando-as com os próprios olhos. Ensinar-lhe-ão, no local, a conhecer as pedras, o jardim, os campos; explicar-lhe-ão como funciona a cidade, a fábrica, e

tudo que puder ajudá-lo a tornar-se gente grande. A vida, afinal, é a melhor escola que existe.” (DRUON, 2018, p. 19)

O primeiro fragmento promove uma distinção entre Tistu e os outros alunos, quando se verifica que ele não é como todo mundo. A escola, assim, não promoveu o resultado (pré) visto na criança, pelo contrário: notou-se um comportamento inaceitável perante a conjuntura e os valores conservadores elencados pela instituição. Assim, o desrespeito a tais regras e, conseqüentemente, à ordem, tão apreciadas na cidade de Mirapólvora, seriam desafiadas, o que prejudicaria o meio social.

As práticas pedagógicas tradicionais visam, comumente, à transmissão de informações por parte dos docentes e à aquisição do conhecimento transmitido, por parte dos discentes. Segundo Foucault (1977), a conjuntura da instituição escolar tradicional se assemelha a uma prisão, e sua organização tem como objetivo a disciplina e a distribuição dos indivíduos no espaço de forma hierárquica: a disposição das cadeiras de forma enfileirada; os muros ao redor da escola; o sinal como alerta de término das atividades; correção e punição; hierarquia entre aquele que comanda e o que obedece; o recreio que funciona como o ‘banho de sol’, são alguns dos elementos contribuidores para tal comparação. Ademais, na prática, a falta de investimentos na educação é identificada, criticamente, como fator social proposital, dado que a hegemonia social não tem interesse em fazer com que as classes menos abastadas tenham acesso a uma educação de qualidade, que promova pensamento crítico e ascensão social, pelo contrário, projeta-se que sejam instrumentos para manutenção de mão de obra barata mediante um estudo tecnicista (BARBIERI, 2012).

A instituição escolar utiliza-se da disciplina como forma de controle dos corpos que a habitam, com a estrutura educacional tradicional suprimindo a criatividade das crianças com metodologias antiquadas e seleção de conhecimentos a serem estudados pelos discentes previstos no currículo escolar, provocando, assim, em grande maioria, a constituição de atividades monótonas e sem significação (RICCI, 1999). À vista disso, quando não há conformidade com o que os ideais do *status quo* delimita, há um problema, como foi com Tistu, que, dada a sua apatia frente ao sistema, entendeu-se que ele não pensava como os outros e, assim, não daria a devida atenção ao processo como fora pré-estabelecido, vindo a ser um desafio para a instituição.

Ainda que Dona mamãe já houvera iniciado o ensino de conteúdos importantes para seu entendimento cognitivo, como a leitura, a escrita e o cálculo, o menino não compreendia a razão de ser de algumas, pois não faziam muito sentido com a realidade que ele interpretava, conforme apontam os excertos seguintes:

(3)

“Quanto às contas, serviam-se de andorinhas pousadas nos fios dos postes. Tistu aprendera não somente a somar e a subtrair, mas chegava mesmo a dividir, digamos, sete andorinhas por dois fios...” (DRUON, 2018, p. 15)

(4)

“A dinâmica das letras e dos números no quadro provocavam um emaranhado de formas que turvavam sua visão provocando uma coceira e logo, sono profundo.” (DRUON, 2018, p. 19)

É notável a importância da significação no processo de ensino e aprendizagem, já que ela ocorre de acordo com o contexto socioeconômico e cultural dos educandos, bem como sua leitura de mundo. O currículo tradicional diz focar na parte cognitiva, contudo, os alunos são abarrotados de conteúdos, que, majoritariamente, não provocam sentido para eles, por se apresentarem abstratos, indicando um fator problemático para um processo de ensino e aprendizado efetivo e significativo (ALBUQUERQUE, 2019).

O processo de ensino aprendizagem necessita de atividades lúdicas, de promover a reflexão, de ensinar a pesquisar e a gerir tempo e grupos, de criar autonomia e aplicar estratégias de acordo com a necessidade dos discentes (BARBIERI, 2012). Além do respeito ao próximo, a criança deve aprender resiliência, conhecimento dos seus limites, do funcionamento social, dos seus direitos e dos seus deveres como cidadão, entre outros. A natureza não é hiperestimulante como a tecnologia e, por isso, é capaz de verdadeiramente desenvolver um espírito explorador (DESMURGET, 2021).

No segundo fragmento, observa-se que, com a expulsão do filho, o Sr. papai decide experimentar um novo sistema de educação, visto que os livros – na obra, uma simbologia ao ensino tradicional conservador – faziam a criança dormir. O patriarca, assim, escolhe o novo sistema educacional: a vida, acreditando que nada jamais ensinará tanto quanto a experiência dos fatos. Ainda que impositivo, essa forma de instrução pode ser, em algum nível, considerada como uma referência simbólica à Educação Ambiental, visto que, ao decorrer da narrativa, são apresentados diversos elementos que se fazem presentes na proposta pedagógica em apreço. A esse respeito, Barbieri (2012, p. 115) acredita que “todos os lugares são lugares de aprender. Cidades, florestas, quintais, territórios a serem investigados, com árvores, rios, clareiras, praças, praias”. Ademais, tendo em vista que a educação é aquela responsável pela formação do ser humano e



ensina a ler e a entender o seu lugar no mundo, vê-se a necessidade de uma educação emancipatória-crítica, e não tecnicista, onde não há a valorização do ensino baseado na repetição e memorização (RICCI, 1999). É preciso

estabelecer novos paradigmas educacionais para harmonizar a convivência planetária, tornando-a pacífica (FREIRE, 1995), e tendo um desenvolvimento sustentável em que prevaleça a vida, o respeito, a ética e a cidadania. Verifica-se que o desafio para a firmiação de uma sociedade sustentável seja criar formas de ser e de estar nesse mundo, desapegando-se de sistemas conservadores que estagnam a mente e o corpo.

O contato da criança com a natureza mediante a exploração mostra-se essencial para o desenvolvimento dos sentidos (TIRIBA, 2018), com atividades sensoriais de contato com a terra sendo importantes para a saúde física e mental. Para Louv (2016, p. 23) as pessoas “têm noção das ameaças globais ao meio ambiente, mas seu contato físico, sua intimidade com a natureza, está diminuindo”, o que leva a ponderação de que seja “provável que uma criança hoje saiba falar sobre a floresta Amazônica, mas não sobre a última vez que explorou alguma mata sozinho ou deitou em um campo ouvindo o vento, observando as nuvens” (LOUV, 2016, p. 23-24). As crianças conhecem a natureza, mas nunca a experienciaram empiricamente, pois seus referenciais são animais domésticos, e uma fauna silvestre e flora artificiais, restritas, que lhes são apresentadas mais como uma atração do que uma realidade.

A urbanização/globalização faz com que essa conjuntura social, trabalhista e de educação seja naturalizada, afastando o ser humano de suas raízes: a natureza. O distanciamento entre sociedade e natureza é evidente, promovendo o repensar das ações antrópicas em sociedade. A educação ambiental faz a criança compreender a vida a partir da experiência, tendo por objetivo fazer o indivíduo ser capaz de se reconhecer como parte do todo e não apenas como um usufruidor de recursos que o ambiente tem a lhe oferecer (REIGOTA, 2009). A proposta de estudo ecológico tem como objetivo, também, ressignificar espaços e expandir perímetros, pois tal ação caminha lado a lado com a proposta ambientalista, a qual aventa que haja reflexão por parte dos indivíduos sobre o meio à sua volta – o qual, normalmente, passa despercebido, com a agitação do dia a dia (MODANESE, 2010).

Em **O menino do dedo verde**, a primeira lição na escola da vida, após sua saída da escola, foi no jardim, acompanhado pelo então jardineiro Bigode, que viria a tornar-se um grande mentor e amigo. Foi ali que Tistu descobriu que tinha polegar verde e, por isso, tudo em que tocasse se transformaria em natureza viva e colorida.

“Tistu pôs o chapéu de palha para ir à aula de jardim. O Senhor Papai havia julgado melhor começar por aí. Uma lição de jardim, é uma lição de terra, essa terra que caminhamos, que produz os legumes que comemos e o capim com que os animais se alimentam.” (DRUON, 2018, p. 20)

O protagonista, assim, simboliza a identidade idealizada do que seria um sujeito ecológico: o garoto com raro poder de semear o bem por onde passa, bem como de acreditar que os elementos da natureza tenham o poder de cura, conforto e de retorno ao íntimo, ao sagrado. Ao abordar a temática ecológica e a mudança de comportamento e pensamento da criança, ao ver a influência que ele – por meio de seu dedo – propicia à realidade que o cerca, enxerga-se a atitude idealmente ecológica, exemplifica as mudanças que o sujeito ecológico e a EA poderiam ter sobre as comunidades e o planeta.

O menino busca humanizar, questionar e solucionar problemas sociais que, para as crianças, a princípio não fariam muito sentido – suas interrogações provocam mais questionamentos e reflexões, por parte do leitor, de comportamentos já instituídos socialmente. De acordo com Barbieri (2012),

[a] natureza traz em si desafios físicos e estéticos que mobilizam as crianças a se aventurar. A lama, a areia as pedras, seus formatos e cores, seus pesos, temperaturas; as plantas, suas folhas, sementes, troncos e talos, raízes com diferentes texturas, cheiros, cores e tamanhos; e os animais que habitam esses lugares: os insetos com seus ruídos peculiares, suas cores e formatos; os diferentes relevos, as topografias: rios montes, barrancos, planícies. Enfim, um universo de possibilidades a serem observadas e investigadas, a serem brincadas, que nos levam ao sentimento de comunhão. Somos parte da natureza, e podemos e devemos nos religar a ela (BARBIERI, 2012, p. 116)

O sentimento de comunhão apontado por Barbieri (2012) é verificado na composição do personagem central da obra de Druon. A segunda lição de Tistu é a lição de ordem, direcionada pelas instruções do Senhor trovões, o qual o adentrará à ideia da violência urbana cotidiana, colocando-o em contato direto com a infelicidade e a tristeza. Inconformado, o menino começa a mudar os lugares por onde passa, com o toque mágico de seu dedo verde, transformando a cidade onde mora e, conseqüentemente, alterando seu nome: de Mirapólvora para Miraflores – o que ocorre ao final da narrativa.

De forma simbólica, Druon trata sobre temas socioculturais e econômicos de forma sensível, mediante uma escrita com envergadura poética, conforme Candido aponta ser uma das características da literatura enquanto fazer artístico (CANDIDO, 2013). A alegoria propõe ocorrências do funcionamento social que não fazem muito sentido para as crianças – e, talvez,

também, para os adultos –, em que o projeto de educação que não promove significação para os alunos, devido ao seu caráter tecnicista, deveria ser alterado para uma metodologia vivencial (CORREIA, 2021).

A exemplo, quando o Senhor trovões pergunta a Tistu o que é mais importante em uma cidade, sua resposta suscita em diálogo que deve ser lido criticamente:

(6)

“— O jardim – respondeu Tistu.

— Não – replicou o Sr. Trovões. – O mais importante numa cidade é a ordem. [...] A ordem é uma coisa indispensável. E, para manter a ordem, é preciso punir a desordem! "Decerto o Sr. Trovões tem toda a razão, pensou Tistu. [...] – São postos aqui, na cadeia – disse o Sr. Trovões, mostrando a Tistu, num largo gesto, uma

imensa parede cinzenta, sem uma única janela, o que não é muito normal numa parede. [...]

– Se esta cadeia não fosse tão feia – disse Tistu – talvez eles tivessem menos vontade de fugir. [...]

– Você devia saber que um prisioneiro é um homem mau.

– E colocam o prisioneiro aqui para curar sua maldade?

[...] escreveu no caderno de notas de Tistu: É preciso vigiar de perto este menino; ele pensa demais!" (DRUON, 2018, p. 35)

O excerto acima aponta para a continuação da trama, em que o Senhor trovões, que é o gerente da fábrica de canhões, leva o menino a uma visita à prisão da cidade, onde Tistu observa a estrutura sombria e triste do local, bem como a infelicidade dos prisioneiros, por isso, resolve transformar o local usando sua impressão digital para o tornar mais agradável aos guardas e aos encarcerados. A população começou a espantar-se com a quantidade de flores presente na prisão e que se espalhou para a favela e para a cidade: tornando a prisão um local acolhedor, seus integrantes, encantados, e a cidade e o comércio enfeitados, mudando a vida dos habitantes, além de sua perspectiva sobre a vida.

A lição na penitenciária sucedeu a aula no hospital, na favela, e na fábrica de produtos bélicos do Senhor papai, onde vingaria um conflito que seria necessário fazer uso dos produtos ali fabricados. Contudo, indignado com o mal que as guerras e tais produtos poderiam proporcionar, o menino

utilizou o seu dedo novamente para modificar o curso das ações violentas que os adultos teimavam em realizar. Na lição seguinte, de miséria, na favela, há o seguinte diálogo:

(7)

“— Esta sua ordem, Sr. Trovões, o senhor tem certeza de que ela existe? Eu não acredito. – Porque se a ordem existisse – prosseguiu Tistu na maior calma – não haveria miséria.

[...] O Sr. Trovões anotou no caderninho: "Menino distraído e raciocinador. Os sentimentos generosos privam-no do senso da realidade". (DRUON, 2018, p. 47)

De forma simbólica, é possível refletir acerca do distanciamento da sociedade e sua ambiência e como a falta de contato com a natureza pode acarretar um transtorno de déficit de natureza (LOUV, 2016). Na obra, a fábrica e a guerra foram interrompidas quando os canhões soltaram flores ao invés do ódio e, devido à comoção que se sucedeu, houve a falência da fábrica. Tistu revelou ter sido ele o responsável por tais mudanças e, surpreendendo a todos, o Senhor papai transformou sua indústria em uma fábrica de flores – atitude que alterará o nome da cidade.

Ao ter em mente a infância de uma pessoa, percebe-se que o contato com a natureza traz diversos benefícios, em detrimento do uso exacerbado de tecnologia/telas (AGUIAR, 2007). Não apenas as crianças apresentam essa necessidade de vida, mas, igualmente, é perceptível nos próprios adultos o quanto o impacto causado pela falta de contato com a natureza permite o adoecimento mental (AGUIAR, 2007). Segundo Louv (2016, p. 25), “refazer o elo rompido entre os jovens e a natureza é de nosso próprio interesse, não só porque a estética ou a justiça exigem, mas também porque a saúde mental, física e espiritual depende disso”. Deve-se compreender, enquanto ser humano e integrante do meio ambiente, que, “como os jovens reagem à natureza, e como vão criar os próprios filhos, acaba delineando as configurações e as condições das cidades, dos lares, do cotidiano em geral” (LOUV, 2016, p. 25).

A obra infantil de Druon pode ser tida como uma alegoria à importância do pensamento crítico e à consciência ambiental e democrática, mesmo em uma sociedade capitalista e globalizada. Os excertos apontados visam a observar reflexivamente acerca da urgente necessidade de uma mudança de paradigma na educação – e no mundo, de modo geral. À vista disso, a arte literária é um espaço com alto potencial de crítica e denúncia das ações antrópicas, já que a trajetória de Tistu apresenta-se como um meio expoente de alertar e conscientizar tanto crianças como adultos a respeito da importância da retomada de conexão com a natureza, mediante instrução ecológica.

No que se refere a literatura como objeto de estudo e análise, apesar de a literatura não ter uma função utilitária em si, a arte carrega uma função simbólica em sua essência. Mediante a trajetória de cada personagem, as ideias e a dinâmica da obra, é possível que o leitor venha a construir uma visão crítica acerca dos impasses sociais e existenciais que rondam a mente humana e as relações sociais e de poder, como um todo (CANDIDO, 2013). Assim, o protagonista Tistu coloca-se como símbolo de transformação, que poderia muito bem ser o resultado de uma educação emancipatória e transformadora, tendo a natureza como espaço educacional, afinal, além da transformação identitária

que o personagem teve, ele, igualmente, promoveu a alteração de identidade nos que o cercavam, incitando a todos a uma nova leitura de mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alvo tanto de admiração quanto de indignação, a jovem sueca Greta Thunberg poderia ser indicada como uma possível personificação de sujeito ecológico, visto suas aparições na mídia estão sempre voltadas a seus atos e suas falas a favor da manutenção do meio ambiente e ao combate do aquecimento global (GRETA THUNBERG, 2020). Seria a jovem a esperança de que “Tistus” podem existir e, sim, agirem em prol de uma consciência ecológica?

As simbologias trazidas na obra de fantasia de Druon buscaram levar à reflexão sobre impacto/benefícios que a Educação Ambiental pode trazer para uma formação mais humanitária e saudável, sob uma nova maneira de conceber a natureza: ecologicamente responsável. A obra, apesar de infanto-juvenil, é capaz de ressaltar a importância do contato com a natureza, da preservação ambiental e da leitura literária, mediante a presença de alegorias e simbologias que apresentam a natureza como uma escapatória para a construção de identidades benéficas. Por meio desta distopia, por essa obra de fantasia, vê-se que a interferência da educação ambiental pode transformar o sujeito e a sua forma de ler o mundo, já que, no decorrer da narrativa, todos aqueles que foram atingidos pela natureza do mágico dedo verde tiveram a alteração tanto de seu ambiente quanto de seus valores – com benefícios coletivos.

Nesse sentido, a pedagogia biocêntrica (AGUIAR, 2007), que tem por objetivo criar o *self* ecológico no estudante, busca fazer com que o indivíduo se reconheça como parte do ecossistema, volte-se às raízes e à natureza, enquanto o ensino tradicional e ultrapassado, que valoriza uma pedagogia tecnicista, tende a impulsionar a disponibilização de mão de obra servil, por intermédio de um ensino focado no mercado de trabalho (RICCI, 1999).

Esta pesquisa leve à reflexão de que o contato com o meio ambiente se mostra de suma importância para o desenvolvimento biopsicossocial do indivíduo, já que “as crianças que frequentam escolas com ambientes naturais diversificados são mais ativas fisicamente, mais conscientes em termos de nutrição, mais civilizadas umas com as outras e mais criativas” (LOUV, 2016, p.253). Por conseguinte, em decorrência da crise ambiental e de um emergente déficit de natureza, bem como da aguçada necessidade de práticas verdes na sociedade atual, é possível identificar a inclinação para a construção de uma nova identidade: a do sujeito ecológico. Por conta das catástrofes ambientais, a consciência para uma reconstrução identitária está em voga, a partir de ocorrências que ocasionam a mudança de pensamento e comportamento da coletividade.

Em consequência dos fatos até aqui apresentados, é possível constatar que essa metodologia pode ser um recurso expoente para a causa ambiental e, conseqüentemente, planetária, pois “o projeto político-pedagógico de uma EA crítica poderia ser sintetizado na intenção de contribuir para uma mudança de valores e atitudes, formando um sujeito ecológico capaz de identificar e problematizar as questões socioambientais e agir sobre elas” (CARVALHO, P.156-157). Assim sendo, percebe-se que a escola, enquanto espaço formador e desenvolvedor de aspectos culturais, sociais e cognitivos, exerce papel fundamental na formação do sujeito ecológico, entende-se também que o caminho para a prática efetiva da EA no âmbito escolar ainda perpassa por várias dificuldades estruturais e de formação continuada dos docentes.

A história de Tistu é permeada por simbologias e propostas de reflexões acerca de temas sensíveis e questionamentos existenciais, com sua trama ultrapassando o tema da ecologia e abarcando reflexões de amor, empatia e inclusão, numa construção poética. Diante disso, entende-se que a educação pode ser um meio de adquirir conhecimento sobre a vida, a humanidade e o papel do ser humano no planeta, afinal, a bem da verdade, se as mentes forem reflorestadas, todos terão, em si, um dedo verde, pronto a (re)tornar o mundo o lugar que ele sempre foi.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Leonel Azevedo de. **Discurso Biocêntrico**: o sagrado na pós-modernidade. Revista Aulas, n. 4, 2007. Disponível em: https://www.unicamp.br/~aulas/Conjunto%20I/4_5.pdf. Acesso em: 10 abr. 2022.

ALBUQUERQUE, L. C. R. de. Emancipação humana e emancipação política: limites e possibilidades das políticas educacionais na sociabilidade capitalista. In: KUNZ, S. A. da S. [et al] (org.) **Direitos humanos e emancipação**, v.1 [Coleção Direitos Humanos]. Uberlândia: Culturatrix, 2019, p. 105-125.

BARBIERI, Stela. **Interações**: Onde está a arte na infância? São Paulo: Blucher, 2012.



BÍBLIA Sagrada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BRADLEY, Marion Zimmer. **As brumas de Avalon**: a saga das mulheres por trás dos bastidores do Rei Arthur. Livro 1: A Senhora da Magia. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2008.

CANDIDO, Antônio. O Direito à Literatura. *In*: CANDIDO, Antônio. **Vários Escritos**. Rio de Janeiro, RJ: Ouro sobre Azul, 2013.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico (Coleção Docência em Formação). São Paulo, Editora Cortez, 2004.

CARVALHO, Marcos. **O que é natureza**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003.

CORREIA, Ana Paula de Souza. **Somos filhos da Terra**: a educação ambiental como suporte para experienciar a vida e desenvolver valores. 2021. 33f. Trabalho de conclusão de curso de graduação em Letras Português/Inglês e suas respectivas literaturas. Universidade Estadual de Goiás, Formosa/GO, 2021.

COSTA, Rogério Haesbaert da; PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A nova des-ordem mundial**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

CRESCE INTERESSE por práticas integrativas durante pandemia. **Terra**. 14 out. 2021. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/cresce-interesse-por-praticas-integrativas-durante-pandemia,66e662ca26709825cb18a1c980d2a312dfaj19oe.html#:~:text=Foto%3A%20DINO%20%2F%20DINO-De%20acordo%20com%20a%20pesquisa%20'PICCovid%20%2D%20Uso%20de%20Pr%C3%A1ticas%20Integrativas,longo%20deste%20per%C3%ADodo%20de%20pandemia>. Acesso em: 20 mai. 2022.

CUIDAR DO MEIO AMBIENTE colabora com a saúde mental. **United Nations Environment Programme, UNEP**. 10 oct. 2019. Disponível em: <https://www.unep.org/pt-br/noticias-e-reportagens/story/cuidar-do-meio-ambiente-colabora-com-saude-mental>. Acesso em: 20 mai. 2022.

DELEUZE, Gilles. A Literatura e a Vida. *In*: **Critique et Clinique**, Paris, 1993. p. 11-17. Disponível em < http://www.rogerioa.com/resources/Opt_Lit/Deleuze---Literatura.pdf >. Acesso em 24 set. 2020

DESMURGET, Michel. **A fábrica de cretinos digitais**: os perigos das telas para as nossas crianças. São Paulo: Vestígio, 2021.

DRUON, Maurice. **O menino do dedo verde**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2018.

EHRENREICH, Bárbara. **Ritos de sangue**: um estudo sobre as origens da guerra. São Paulo: Record, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1977.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1995.



GRETA THUNBERG leva prêmio internacional e doa R\$600 mil para a Amazônia. Folha de São Paulo. UOL. 20 jul. 2020. Disponível em: [Greta Thunberg leva prêmio internacional e doa R\\$ 600 mil para a Amazônia - 20/07/2020 - Ambiente - Folha \(uol.com.br\)](#). Acesso em 20 mai. 2023.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas, SP: Papirus, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A. 2000.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. Porto Alegre, RS: L&PM Editores, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Trajetórias e Fundamentos da Educação Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.

LOUV, Richard. **A última criança na natureza**. São Paulo: Aquariana, 2016.

MENDONÇA, Rita. Educação ambiental vivencial. In: FERRARO JÚNIOR, Luiz Antonio (org). *Encontros e caminhos: formação de educadoras (es). Ambientais e coletivos educadores*. 1 ed. Brasília: MMA, Departamento de Educação Ambiental, 2007. p. 118-129.

MODANESE, Ione Aparecida Zucchi. **Releitura da função socioambiental do parque exposição Jayme Canet Junior**. 2010. 179f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão/PR, 2010.

MULHER SEMENTE reflorestando mentes: O caminho do reflorestar, mulheres indígenas doam suas vidas pela Terra. **AGENT PUC SP**. 09 de novembro de 2021. Disponível em: [Mulher Semente Reflorestando Mentes | Agemt | Jornalismo PUC-SP \(pucsp.br\)](#). Acesso em: 15 de maio de 2023.

CONTRIBUIÇÕES da natureza para as pessoas. **Plataforma Brasileira de Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos. BPBES**. São Paulo, 2019. Disponível em: [Conheça a IPBES - BPBES](#). Acesso em: 15 de novembro de 2022.

REIGOTA, Marcos. **O que é Educação Ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2009.

RICCI, Rudá. O perfil do educador para o século XXI: de boi de coice a boi de cambão. In.: *Revista Educação e Sociedade*. Ano XX, n. 66, abril/1999, pp. 143-178.

SPONCHIATO, Diogo. **Dossiê: Medicina Integrativa**. *Revista Galileu*. 2020. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI329670-17579,00-DOSSIE+MEDICINA+INTEGRATIVA.html>. Acesso em: 20 mai. 2022.

TIRIBA, Lea. **Desemparedamento da infância: a escola como lugar de encontro com a natureza**. Rio de Janeiro: Alana, 2018.